

ARGUIÇÃO AO MEMORIAL DO CONCURSO PARA PROMOÇÃO AO POSTO DE  
PROFESSORA TITULAR DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DA BAHIA DO PROFESSOR FERNANDO CONCEIÇÃO

-por **KABENGELE MUNANGA**

Inicialmente, gostaria de agradecer o convite da FACOM e do professor Fernando Conceição, para compor esta banca para promoção ao posto de Professor Titular da FACOM/UFBA; cumprimentar colegas membros da Banca, Professora Florentina, presidente; professores Henrique Cunha Jr, meu colega da USP, professor Paulo Sérgio Pinheiro, e o professor Alberto Maldonado. Quero saudar professoras e professores membros da casa, colegas de Fernando presentes neste rito acadêmico de passagem; estudantes de Fernando, amigas e amigos e familiares presentes que pacificamente participam também deste ritual. Finalmente, quero cumprimentar e parabenizar o professor Fernando Conceição, por ter chegado a este momento único e ímpar de sua trajetória de vida acadêmica e intelectual.

!

Se não me falhar a memória, acho que conheci Fernando ainda estudante por volta de 1987 [*em verdade, 1990*]. Era Diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, quando um belo dia um jovem negro bateu na Porta da Diretoria acompanhado pela minha secretária que quase não o deixou me ver porque não tinha visita marcada na minha agenda de diretor. Se apresentou como Fernando Conceição da Bahia, que veio para USP para tentar fazer um mestrado em Comunicação,

ou em Jornalismo. Não conhecia nenhum Professor na USP, mas lhe disseram que eu era a única pessoa que poderia ajuda-lo para fazer seu mestrado. Perguntei para ele qual era sua formação e me disse que tinha uma graduação em jornalismo e me entregou dois livros que já havia publicado, entre os quais o *Cala Boca Calabar*. Folheei rapidamente os dois livros e intuitivamente vi que havia alguma substância. Tinha vaga, mas não podia aceitá-lo porque sua formação não era da minha área de Antropologia. Lamentei, mas ele quase desesperado repetiu que eu era a única pessoa na USP que podia ajudá-lo. Olhei nos olhos dele e vi o desespero. Foi então que me lembrei de uma das conversas que tive com Milton Santos sobre o telefone, quando ele me disse que uma de nossas dificuldades como negros na sociedade brasileira tem a ver com o fato de não termos telefone. Lhe perguntei *como não tínhamos telefone*, quando a gente se liga todo tempo para conversar no telefone. Ele me disse: Kabengele, você não me entendeu, pois ter telefone é quando uma pessoa liga para outra e diz *Fulano, na sua empresa ou sua fábrica tem alguma vaga para encaixar meu primo ou meu sobrinho que acabou de se formar em engenharia ou em qualquer outra área?* Nós, negros, não temos esse telefone. Mas Fernando estava na minha frente com ar impassível, esperando uma solução. Me lembrei que tinha telefone e na frente dele liguei para duas professoras da ECA, a primeira, profa. Dilma de Melo Silva, que foi minha estudante na primeira disciplina de Pós-graduação que dei no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e que se chamava “Antropologia e Colonização da África”, por volta de 1983-84 e que examinei em sem sua banca de qualificação para o doutorado. Conteí para ela a urgência que eu tinha para encaixar nos cursos da ECA o jovem estudante baiano que estava em minha frente. Infelizmente, ela não tinha

vaga para receber um novo pós-graduando; desesperado, liguei para outra professora da ECA, Solange Martins Couceiro, cujo doutorado sobre “O Negro e a televisão em São Paulo” havia examinado. Conteí a história de Fernando. Felizmente, ela tinha ainda uma vaga não preenchida e pediu para que Fernando a encontrasse no dia e horário marcado na sua sala na ECA com seu projeto de pesquisa para ser submetido a uma entrevista e, se ele fosse um candidato interessante, ela o aceitaria. Deu tudo certo e Fernando entrou no mestrado na ECA sob a orientação de Solange Martins Couceiro, a mesma que orientou a tese do cineasta negro Joel Zito Araújo. Veio a defesa de sua dissertação de mestrado, da qual o professor Milton [Santos] participou como membro examinador de sua banca. Eu não pude estar presente, mas Milton me contou como foi e as críticas que fez a seu trabalho. Mas uma coisa ele tinha certeza, pois me disse: que você tinha uma boa formação em jornalismo e que escrevia bem a língua portuguesa. Ele gostava muito de você e de sua atuação política no Núcleo da Consciência Negra dos estudantes da USP, a tal ponto que me disse que *no Brasil precisamos de muitos Fernando Conceição porque nós negros somos muito educados diante do racismo que nos faz vítimas e que deveríamos ser um pouco agressivos, a exemplo de Fernando*. De fato, quando se começou a discutir a questão da Reparação-já e das políticas de cotas para o ingresso de estudantes negos na USP, você foi um dos maiores protagonistas da questão através do Núcleo da Consciência negra. Me lembro que em 1995, ano do tricentenário da morte de Zumbi dos Palmares, a Reitoria da USP queria através da Pró-Reitoria da Cultura e Extensão Universitária organizar uma série de eventos para comemorar os trezentos anos da morte de Zumbi dos Palmares. Nas reuniões preparatórias estavam presentes, além dos membros da Comissão de Políticas Públicas para Negros junto à Reitoria

da qual eu fazia parte, alguns representantes do Núcleo da Consciência negra, entre os quais você e o falecido jornalista negro Hamilton Cardoso, entre outros. Vocês se opuseram com fortes críticas à proposta da reitoria para organizar manifestações comemorativas dos 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares e sugeriram que a USP organizasse no lugar dos eventos festivos, um seminário internacional sobre cotas e políticas afirmativas. Coube a mim a responsabilidade de organizar e coordenar esse seminário, que contou com a participação de duas sul africanas, dois americanos e um intelectual negro africano que veio da Universidade de Colônia, na Alemanha, e cerca de 30 ativistas e intelectuais negros entre os quais você fazia parte. Das comunicações feitas nesse seminário resultou o livro *Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial*, sob minha organização que foi publicado pela EDUSP em 1986. Nesse livro tem um texto de sua autoria. Depois da defesa de sua dissertação de mestrado, seu projeto para o doutorado já estava pronto e você foi sem interrupção conduzido ao doutorado sob a orientação da mesma colega da ECA, profa. Solange Martins Couceiro. Em plena execução do seu projeto de doutorado as manifestações e atuações do Núcleo da Consciência negra dos estudantes da USP em defesa das cotas se intensificaram e você era uma das figuras centrais na organização dessas manifestações. Você foi acusado pela reitoria por ter depredado o patrimônio da USP com as pichações e a decisão seria a sua expulsão da Universidade. Diante das ameaças nós formamos uma pequena comissão para defender você e um outro estudante negro do curso de Filosofia cujo nome não me lembro [*chamasse Mauro Göpfert Cetrone*]. Essa Comissão era composta do Professor Milton Santos, o Presidente da ADUSP [*Jair Borin*] já falecido, um advogado negro da OAB São Paulo; Sônia, advogada negra do Instituto Gelédés da

Mulher negra liderado por Sueli Carneiro e Kabengele Munanga. O dia da audiência na Reitoria, marcamos um almoço de solidariedade no Club dos professores da USP do qual você foi convidado para organizar a estratégia de sua defesa. Do Club fomos para a Reitoria sem o Professor Milton que ia viajar imediatamente para a Argentina. Ele estava muito bravo e não entendia como uma pessoa que defende uma causa nobre pode ter expulso da Universidade por ter feito uma pichação na parede de um prédio para defender cotas para negros. Abrindo a sessão, o presidente da Comissão do Patrimônio Público da USP começou suas acusações advogando sua expulsão como estudante da USP por ter cometido um crime contra o patrimônio público do Estado de São Paulo. Você se defendeu contra as acusações e depois os membros da nossa comissão fizeram intervenções de peso em sua defesa. Conclusão: ele recuou e decidiu para que você pagasse o equivalente a dois salários mínimos para repintar a parede com pichação. Finalmente, você defendeu sua tese de doutorado da qual fui membro da Banca Examinadora, voltou para Bahia, sua terra. Conto este pedaço de sua história que eu conheço e do qual participei para mostrar como foi sua escalada para chegar ao topo da montanha, ou seja, para chegar ao topo da carreira acadêmica que ora estamos ritualizando.

## II

Ora, a Comunidade acadêmica inventou normas e regras para averiguar se o candidato cumpriu e reuniu os requisitos exigidos para ser empossado na cadeira que simboliza o posto alcançado. Por isso, estamos aqui publicamente reunidos para averiguar através das provas que forneceu e para finalmente confirmar e proclamar publicamente sua chegada ao topo e sua posse na cadeira de Professor Titular da Faculdade de Comunicação da UFBA.

Pois bem! Quais são essas provas? Certamente, sua formação universitária desde o curso de graduação, passando pelos cursos de pós-graduação, ou seja, de mestrado e doutoramento, estágios pós-doutorais ou títulos equivalentes, e outras credenciais burocráticas para os cargos de Professor Doutor adjunto 1 a 4 e de Professor Doutor Associado 1 a 4. Certamente sua produção em termos de publicações científicas e outras; sua participação e contribuição nos encontros científicos nacionais e internacionais (seminários, conferências, congressos, colóquios, etc.); sua experiência acumulada na docência através de disciplinas ministradas nos cursos de Graduação e Pós-Graduação de sua faculdade e de outros programas; sua experiência na orientação de projetos de pesquisas para mestrado e doutoramento e iniciação científica; sua experiência como pesquisador qualificado através de projetos de pesquisa individuais ou coletivos, nacionais ou internacionais que de uma maneira ou de outra contribuíram para a produção do conhecimento científico na área da Ciência das Comunicações e do estudo das questões da população negra em seu país, visando ora a reflexão em busca de soluções para a inclusão e visibilização dos negros nos meios de comunicação de massa , ora para contribuir epistemologicamente na construção de uma ciência de comunicação descolonizada em sua universidade.

Tudo isso corre em filigranas entre as linhas nas provas documentais que foram colocadas à nossa disposição e corresponde ao perfil exigido para ocupar o cargo de professor Titular numa grande universidade pública como a UFBA. Apesar de alguns conflitos aos quais você mesmo se refere no corpo da narrativa do seu memorial, toda sua ascensão na carreira acadêmica e intelectual para chegar a esse momento foi alcançado por

mérito, apesar de algumas inimizades políticas e ideológicas que você não pôde evitar por seu temperamento.

Por que digo isto neste momento de um ritual acadêmico que nada tem a ver com questões políticas e ideológicas? Me lembro do episódio do cineasta Joel Zito Araújo, que foi meu estudante e seu contemporâneo na ECA. Quando seu filme “Os Filhos do Vento” ganhou o Melhor Prêmio do Festival do Gramado, um dos organizadores do festival comentou que foi por causa das políticas afirmativas. Joel Zito ameaçou devolver o Prêmio que ganhou não porque era negro, mas porque era melhor. Me lembro também da resposta que Sidney Poitier deu a um jornalista que lhe perguntou como se sentia ao ser o primeiro negro a ganhar o Oscar do cinema americano. Ele lhe respondeu que ganhou o Oscar não por ser o primeiro negro, mas por ser o melhor ator. Ultimamente, sinto, posso estar enganado, que algumas conquistas nossas obtidas por mérito, vêm sendo desqualificadas, pois consideradas simplesmente em alguma linguagem racista sutil como resultado das cotas.

Na escalada da montanha, como tentei dizer, você semeou, plantou e colheu, ou seja, publicou livros e artigos e formou novos pesquisadores, mestres e doutores para continuar e aperfeiçoar sua obra. Mas você plantava nas encostas da montanha, em terreno muitas vezes erosivo, num clima às vezes inconstante.

Agora você está se aproximando do topo, onde o clima é geralmente mais agradável e confortável, sem erosão e mais tranquilo. Quais são os novos projetos: vai pendurar a chuteira ou pretende continuar a plantar com mais segurança e

tranquilidade? Não é uma pergunta séria, como você percebe, mas apenas uma provocação ritualística.

### III

Finalmente, tenho algumas curiosidades: a primeira é sobre o texto “Ivo viu a uva na UFBA” (pp.21-22). Qual é a relação deste texto com seu concurso? [*Este trecho, Kabengele Munanga excluiu de sua fala, informando que o examinado havia explicitado a contento quando de sua defesa oral do Memorial*] Em seu estágio pós-doutoral em Berlim, Alemanha, de agosto de 2008 a julho de 2009, você buscava entre outros saber se o pensamento do brasileiro Milton Santos tem repercutido no debate intelectual sobre a globalização em países europeus. Qual foi a resposta ou as respostas que você recebeu a respeito dos estudiosos daquela universidade [*Frei Universität Berlin*]? Quem era a professora Ligia Chiappini e o que ela entendia da obra de Milton Santos para ser sua supervisora? (P.23). Em 2012 você foi para os Estados Unidos, Japão, Portugal, Espanha, França e Tanzânia para levantar dados sobre a presença de Milton Santos junto a fontes acadêmicas e não acadêmicas no Exterior (p.26). Qual foi o resultado dessa pesquisa?

Finalmente, gostaria de saber se a escrita sobre a Biografia de Milton está ainda em andamento ou já foi concluída. Eu estou ansioso e gostaria de receber meu exemplar. Os 5.000 exemplares publicados foram destinados ao patrocinador Petrobras? Pelo que entendi nada sobrou nem para a Biblioteca de sua Faculdade. É estranho fazer uma pesquisa que durou bastante tempo e a primeira edição é entregue totalmente aos patrocinadores como se fosse uma encomenda deles. O que a Petrobras fez com cinco mil exemplares, pois não vi circular um único exemplar em



nenhum lugar? Guardaram em seus acervos ou distribuíram aos amigos, porque nas instituições e centros de pesquisa do país não circula nenhum volume. Esta coisa está me cheirando mal e gostaria de ter sua explicação. *[Em sua resposta, o arguido confirmou ter entregue os 5.000 exemplares da biografia no depósito da Petrobras em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, em janeiro de 2016].*

Como já disse, este momento é um ritual de passagem e, neste sentido, minha arguição é para cumprir o rito e para sacralizar você. Lhe fiz poucas perguntas por curiosidade, mas você não tem a obrigação de me responder, a menos que se sinta na necessidade.

Meus parabéns!

***Kabengele Munanga***, professor titular da Universidade de São Paulo.

Salvador, 8 de agosto de 2019.